

“A globalização é um outro tráfico”

AFP – Madri, 12/4/98

Líder da independência argelina no início dos anos 60, primeiro chefe de governo e primeiro chefe de Estado entre 1962 e 1965, Ahmed Ben Bella tem desde a juventude motivos de inconformismo com a discriminação racial. Derrubado em 1965, preso durante 14 anos, ele é hoje, aos 84 anos, presidente da organização Norte Sul XXII, uma das que lideram a campanha pelo reconhecimento da escravidão negra como crime contra a humanidade. Por telefone de Genebra, este militante da resistência aos descalabros da globalização, que esteve em janeiro no Fórum Social Mundial de Porto Alegre e voltará no de 2002, fala com a indignação dos que tudo viram e nada esqueceram do “maior crime da história humana, ao lado da liquidação das nações indígenas”: o tráfico negro.

♦ **– Qual o espírito da proposta de indenizar os povos escravizados no passado?**

♦ – A indenização vem em segundo lugar. O importante é que se reconheça que um grande mal foi feito a todo um continente, e que isto durou 420 anos – o maior crime

da história humana, ao lado da liquidação das nações indígenas. O tráfico de escravos não é o mesmo que a escravidão interna, que acompanhou a história dos homens, envolvendo todas as raças: quando havia guerras, prisioneiros eram feitos e escravizados. A república de Atenas fazia escravos para os atenienses. É portanto uma forma de trabalho que durou muito tempo. Mas o tráfico é uma coisa completamente diferente, um rapto de toda uma população. Os historiadores ocidentais estimam que para cada negro que se enviava para a América, nove eram mortos, pois se defendiam. Além disso, 20% morriam a caminho, de escorbuto, pelas terríveis condições de travessia. De modo que se dessangrou todo um continente durante séculos.

♦ **– O senhor tem dito que o reconhecimento do erro tornaria melhor a humanidade.**

♦ – É uma terapia. Quando alguém está doente do espírito, vai para o divã, tenta-se extrair dele o que causa sua doença. É o que acaba de fazer a França, cujo parlamento votou uma lei dizendo que o tráfico de escravos é um crime



Ben Bella: “O importante é reconhecer o mal que foi feito”

contra a humanidade. O rei Juan Carlos da Espanha reconheceu o mesmo crime contra o Egito, durante a Inquisição, e os australianos acabam de pedir perdão aos povos autóctones, pois cometeram um crime no início da colonização.

♦ **– Trata-se então de uma reparação de conteúdo sobretudo simbólico e político...**

♦ – Não, não é simbólico. Trata-se ao mesmo tempo de reconhecer

que se impediu um continente de avançar. Os historiadores também concordam em que na época, entre 1500 e 1600, certos países da África estavam no mesmo nível econômico e de desenvolvimento que certos países europeus. Era o caso de Gana, do Mali, um dos países mais ricos do continente. Do meu ponto de vista, ontem era o tráfico, hoje é o que se chama de mundialização, que é um outro tráfico, mais dissimulado. Veja o

que fazem o FMI e o Banco Mundial. Para nós, é a mesma operação com palavras diferentes, com meios que parecem menos cruéis, mas que deixam esses países completamente para trás, esmagados pela dívida, o subdesenvolvimento, a Aids, as doenças tropicais. Para começar, portanto, reconhecer que algo de grave foi cometido contra uma raça, não contra um povo, mas contra uma raça. Penso que a humanidade se sentiria melhor reconhecendo que uma coisa grave foi feita.

♦ **– Correntes contrárias à indenização alegam, entre outras coisas, que africanos também participaram do tráfico...**

♦ – O reconhecimento que buscamos também nos ajudaria a ser menos racistas, pois por reação nos tornamos racistas. Quando vemos o que foi feito com essa população... Eu sou um branco, sou um árabe, e embora os árabes tenham participado, não se devem confundir as coisas. Há também negros que participaram, mas este é o problema dos gladiadores. Não se pode criticar um gladiador por matar outro, pois é César que os obriga, César que organiza.

Hoje, César é o FMI. O dedo de César apontando para baixo, para matar, é o FMI.

♦ **– Fala-se mais seriamente de ajuda ao desenvolvimento do que de indenizações pecuniárias.**

♦ – Não se pode expressar a perda em números. É justamente este o erro dos economistas que só cuidam do que pode ser expresso em números. O que é preciso é a ajuda ao desenvolvimento, que o FMI funcione melhor, que não nos engane, que se reconheça que a partir de determinado ponto não se pode mais pagar uma dívida, nem mesmo seus juros. Eu tenho 84 anos, comecei a militar aos 16. Conheço bem esta questão. Fala-se muito, criaram-se organismos, mas esses organismos, desculpe-me dizê-lo, são policiais a serviço do sistema mundial. Eu não sou um marxista. Mas o FMI é a pior coisa que nos aconteceu, o Banco Mundial também. Meu país, a Argélia, tomou 22 bilhões de dólares de empréstimo, pagou 61 bilhões e continua endividado. A dívida é uma armadilha; é impossível sair dela. (C.M.)